

Envelhecimento LGBTQIAPN+ e atuação comunitária: um relato de estágio em psicologia da saúde fundamentado na análise do comportamento

Caíque Pala Silvestre

Diane Portugueis

Joice Jaqueline Romani

Eliana Isabel de Moraes Hamasaki

Introdução

Para Feuerwerker (2003), a integração entre o ensino e a realidade social é imprescindível na formação do profissional da saúde. Em sua grande parte, o trabalho do profissional de saúde é exercido dentro de equipes multiprofissionais. Admite-se, então, que a formação deste profissional o prepare para atuar em diversos cenários e contextos ao longo de sua formação, considerando o estágio supervisionado uma oportunidade de não somente aplicar os conhecimentos adquiridos, mas de desenvolver visão e pensamento críticos da realidade que ocupa e a capacidade para resolver problemas reais que o cercam.

Entende-se a Psicologia Social da Saúde como o compromisso do profissional com os direitos sociais, sob uma perspectiva do coletivo. Ao contrário da visão mais tradicional e individual da Psicologia, esse modelo tende a estar em serviços comunitários de atuação primária, onde a necessidade é a promoção da saúde ou prevenção da doença (Spink, 2010). Para Bock e Gianfaldoni (2010), a inclusão de direitos humanos na formação e na prática de psicólogos é essencial para incutir o comprometimento ético para a transformação social, garantindo a promoção de direitos fundamentais de todo e qualquer indivíduo.

A comunidade é compreendida como o espaço geográfico, social, econômico, político e simbólico em que o indivíduo está inserido. E o papel da Psicologia Comunitária é estudar as condições que impossibilitam ou prejudicam que um indivíduo faça parte do coletivo. Mais do que diagnosticar e intervir, o papel do psicólogo comunitário é compreender a realidade daquele grupo e como esta se reflete na experiência individual (Góis, 1994).

Um grande desafio enfrentado pelo profissional da saúde, incluindo o psicólogo, é o atendimento a populações e grupos marginalizados que, frequentemente, possuem características e especificidades distintas de grupos majoritários, considerados normativos. A população LGBTQIAPN+, de acordo com Souza e colaboradores (2022), apresenta alta prevalência de transtornos psiquiátricos quando comparada à populações cisgêneras e heterossexuais. Transtorno de ansiedade generalizada [TAG], transtorno depressivo maior e transtorno de estresse pós-traumático [TEPT] estão entre os diagnósticos com maior incidência deste grupo. Além de ideação suicida e tentativas efetivas de suicídio, abuso de substâncias e diversificados

comportamentos qualificados como de risco (Malta *et al.*, 2020; Plöderl; Tremblay, 2015).

Moraes e colaboradores (2010) descrevem o envelhecimento como um conjunto de consequências da passagem do tempo. É um processo de natureza multifatorial e resultante da intersecção de vulnerabilidade, variabilidade e irreversibilidade das mudanças do corpo de um indivíduo. Para Skinner e Vaughan (1985), o envelhecimento pode ser vivido de forma mais saudável, se o indivíduo desenvolve habilidades para aumentar comportamentos qualificados como mais funcionais e para reduzir comportamentos prejudiciais. Entretanto, quando se fala da comunidade LGBTQIAPN+, é possível se deparar com desafios adicionais, visto que o envelhecimento dessa população é marcado pela “múltipla marginalização”; isto é, pela junção do etarismo com a LGBTfobia e, na maioria dos casos, de outras formas de preconceito, como racismo, elitismo e xenofobia (Oliveira, 2024).

Uma vida experienciando múltiplas formas de preconceito podem reforçar comportamentos de isolamento e retração do indivíduo e, conseqüentemente, resultando em rupturas familiares, autoexclusão da comunidade e até mesmo o afastamento dos serviços de saúde, devido à falta de acolhimento ou ao (des)preparo dos profissionais, uma vez que a Política Nacional de Saúde Integral LGBT do Brasil menciona idosos apenas de forma superficial (Brasil, 2013). Mesmo que não haja justificativas para tal invisibilização, é possível analisá-la como resultado de uma pandemia disseminada globalmente entre os anos 1980 e 1990: a pandemia de HIV/AIDS que, por sua vez, afetou diretamente a comunidade LGBTQIAPN+, principalmente homens gays, bissexuais e pessoas trans, de maneira tão forte que até os dias atuais existe uma associação entre a comunidade e a doença, que dizimou grande parte deste grupo que, atualmente, seria composta por indivíduos idosos (Bertoli, 2021).

Sob a ótica da Psicologia Social, é possível entender fatores-chave, como preconceitos internalizados e processos de desenvolvimento de identidade individual e comunitária (Guzzo; Lacerda Jr., 2007). Adicionalmente, a *Análise do Comportamento*, além de oferecer ferramentas e práticas que permitem o reforço de comportamentos funcionais para o indivíduo e sociedade, permite uma análise histórica e interacionista da relação do indivíduo com o meio em que está inserido (Skinner, 2003).

Essa proposta de leitura estabelecendo essa conexão entre a *Análise do Comportamento* para a discussão de fenômenos sociais não é recente: Skinner (2003) já se dedicava a essa empreitada, definindo o comportamento social como aquele cujas consequências são resultado das contingências de comportamentos operantes de outro indivíduo, de forma participativa ou mediadora. Tais consequências podem ser compreendidas a partir dos mesmos princípios da análise do comportamento individual. Guerin (2001) discute os potenciais avanços nessa direção.

Sampaio e Andery (2010) afirmam que o comportamento social tem como ambiente influenciador das respostas justamente outros indivíduos, a sociedade. Embora considerado mais imprevisível, visto que as consequências da contingência dependem de outros seres humanos, não é um comportamento além do comportamento individual. Isto é, o repertório individual é modelado a partir das

relações estabelecidas entre indivíduos pertencentes a uma determinada comunidade e as suas práticas culturais.

Nesse sentido, a *Análise do Comportamento* tem uma competência contracultural, podendo ser utilizada para não somente analisar práticas culturais injustas, mas para transformá-las. Laurenti e Lopes (2022) classificam o comportamento humano de maneira relacional e contextual. Partindo desse ponto, o comportamento humano é analisado considerando histórias evolutivas, sociais e de aprendizagem, possibilitando compreender a fabricação de desigualdades para além de essencialismo ou individualidade, mas sim como produtos de ambientes sociais desiguais.

A velhice LGBTQIAPN+ constitui, por sua vez, um campo de análise relevante para a Psicologia, visto que essa população vivencia o envelhecimento atravessado por múltiplas camadas de desigualdade, invisibilidade e restrição de repertórios comportamentais. Somente assumindo uma posição política e comprometida com a ética, com a sociedade e com sua transformação, é possível investigar problemas sociais em um ambiente historicamente estruturado para que esses problemas existam.

Partindo dessa proposta, o presente trabalho consiste em um relato de experiência vivenciada a partir de práticas em um estágio supervisionado em Psicologia Comunitária e da Saúde, de uma universidade na região da Grande São Paulo. O estágio foi realizado na Eternamente Sou (ESou), associação sem fins lucrativos que oferece serviços voltados ao bem-estar e à promoção de direitos da população LGBTQIAPN+ idosa. Os objetivos gerais do estágio supervisionado foram conhecer a organização e o funcionamento dela relacionado à saúde de seus integrantes e promover a saúde nas comunidades, grupos ou instituições. Os objetivos específicos do estágio supervisionado aqui descrito foram compreender os processos psicológicos da instituição e de seus usuários, compreender os fenômenos humanos de ordem social e planejar intervenções críticas junto à instituição para a promoção da saúde e da cidadania.

Deste modo, este relato de experiência tem, como objetivo, analisar e refletir de forma crítica as experiências relatadas e compreender particularidades desta população, visando contribuir com futuras intervenções e práticas psicossociais afirmativas.

Descrição da experiência

A Associação Eternamente Sou (ESou) é uma instituição sediada na cidade de São Paulo, fundada em 2017, com o objetivo de oferecer espaços de segurança, acolhimento e apoio social, emocional e jurídico para a população LGBTQIAPN+, a partir dos 50 anos de idade. Dentro de seu quadro de atividades regulares, a instituição realiza atividades culturais, oficinas educativas, grupos de apoio e eventos sociais, com o intuito de combater a solidão, a invisibilização e a discriminação frequentemente vivenciadas por essa população.

Além de eventos e atividades realizadas para os seus associados, a ESou trabalha promovendo campanhas para a sensibilização e a conscientização da sociedade em outras instituições, públicas e privadas, e colabora com órgãos públicos e entidades

civis na criação de políticas inclusivas. Apesar de ter seu trabalho reconhecido nacional e internacionalmente, a ESou ainda representa uma iniciativa relevante, mas ainda regional e isolada perante a escassez de instituições voltadas especificamente para esse recorte da população.

Por uma decisão estratégica, a ESou adota o marco dos 50 anos de idade como referência para o início da “velhice LGBTQIAPN+”, considerando a falta de modelos de envelhecimento para essa população. Essa definição se justifica por múltiplos fatores históricos e sociais, como a pandemia de HIV/AIDS, que vitimou grande parte da população LGBTQIAPN+ nas décadas de 1980 e 1990, e, mais recentemente, a pandemia de Covid-19, durante a qual os sobreviventes da primeira passaram novamente a ser considerados grupo de risco para ela. A faixa etária média atual dos participantes é de 65 anos, e o número médio de participantes nas atividades é de 15 a 20 pessoas. A maioria se identifica como homens cisgênero homossexuais, seguidos por mulheres cisgênero homossexuais e, em menor proporção, pessoas trans. Aproximadamente 85% dos participantes possuem ensino médio completo e, atualmente, encontram-se aposentados.

Para participar das oficinas, não é necessário ser associado à instituição, mas é exigido o cadastro junto ao núcleo de assistência social da ESou. O próprio participante pode escolher as oficinas das quais deseja participar, embora o núcleo também possa indicar outras atividades com base nas informações coletadas na ficha de cadastro, de forma a atender demandas específicas.

As práticas desenvolvidas no estágio supervisionado foram realizadas na ESou ao longo de dois semestres letivos, mais especificamente entre os meses de março e de novembro de 2024, com o intervalo do recesso acadêmico da universidade no mês de julho, e conduzidas pela primeira coautoria deste artigo. A carga horária semanal foi de quatro horas presenciais, cumpridas majoritariamente às quintas-feiras, sob supervisão, respectivamente, da segunda coautoria e da terceira coautoria deste artigo.

As atividades do estágio foram realizadas, em sua maior parte, na sede da instituição. Durante o período de estágio, também houve eventos externos e ações em parcerias com empresas privadas. Inicialmente, as visitas semanais de quatro horas foram dedicadas à observação e escuta, permitindo não somente a familiarização do estagiário com o ambiente, participantes e equipe, mas deles para com o estagiário simultaneamente. Progressivamente, o estagiário foi se encaminhando para a mediação e a condução de rodas de conversa, juntamente da psicóloga responsável pela oficina.

A roda de conversa semanal foi a principal estratégia de intervenção psicossocial. As propostas de intervenção, vindas para a roda a partir dos temas, diferentes semanalmente, foram construídas por meio da escuta sensível das demandas identificadas e validadas em supervisão, respeitando o tempo e o protagonismo dos participantes, além dos princípios éticos da Psicologia. Ao todo, 25 encontros tiveram sugestões de tema e dinâmicas desenvolvidas pelo estagiário, com a aprovação da ESou e das supervisoras responsáveis. O Quadro 1 descreve os temas de cada encontro realizado.

A definição dos temas das rodas de conversa seguiu um processo dinâmico e progressivo ao longo do estágio. Inicialmente, os temas foram propostos pelo estagiário a partir da observação ativa das interações e das demandas identificadas nos próprios encontros, sendo sistematicamente discutidos e validados em supervisão com a psicóloga responsável pela oficina, que acolheu as sugestões com abertura e concedeu ampla liberdade para a condução das propostas.

Com o fortalecimento do vínculo entre estagiário e participantes, emergiu um movimento de protagonismo do grupo: os próprios participantes passaram a chegar aos encontros com sugestões de temas que gostariam de explorar coletivamente. Esse deslocamento do estagiário como proponente para os participantes como coautores das pautas reflete, em si, um dos efeitos das intervenções: o fortalecimento da autonomia e da voz dos participantes no espaço da roda.

Quadro 1: Encontros realizados durante o Estágio Supervisionado na ESou (2024).

Data	Tema	Objetivo da Atividade
21/03/2024	Apresentação do estágio	Acolhimento e vínculo inicial
28/03/2024	O que é renascer?	Reflexão sobre recomeços
05/04/2024	Movimento da vida	Mudanças da vida
18/04/2024	Corpo e envelhecimento	Mudanças corporais
25/04/2024	Colcha de retalhos: Parte 1	Estimular memória afetiva
09/05/2024	Compromisso da Psicologia	Explicar psicologia comunitária
16/05/2024	Colcha de retalhos: Parte 2	Estimular memória afetiva
23/05/2024	Memória e história de vida	Resgatar memória
06/06/2024	Parada LGBTQIAPN+	Compartilhar experiências
20/06/2024	Vivência LGBT no trabalho	Refletir inclusão no trabalho
01/08/2024	Retorno do estágio	Retomar vínculo
08/08/2024	TCC: De Cacura à Maricona	Discutir TCC do estagiário
15/08/2024	Família de origem e escolhida	Refletir sobre vínculos afetivos
22/08/2024	Bingo com pajubá	Perpetuar cultura LGBTQIAPN+
29/08/2024	Redes de apoio	Discutir a importância das redes
05/09/2024	Dia do sexo: Parte 1	Desejo e prazer na velhice
12/09/2024	Dia do sexo: Parte 2	Como criar e manter vínculos
19/09/2024	Bingo com pajubá (evento)	Perpetuar cultura LGBTQIAPN+
26/09/2024	Eu Nunca: preconceitos	Refletir homofobia internalizada
03/10/2024	Dinâmica: Bandeiras da sigla	Promover letramento
10/10/2024	Curta: <i>John à procura de aliens</i>	Discutir solidão e conexões
17/10/2024	Cinema: <i>Up! Altas Aventuras</i>	Refletir perdas e reinvenção
24/10/2024	Curta: <i>O casamento de A&W</i>	Discutir o amor na velhice

31/10/2024	Visita ao Museu da Diversidade	Reforçar identidade social
07/11/2024	Encerramento do estágio	Celebração

Fonte: Dados elaborados pelo primeiro coautor.

A partir da ótica da Psicologia Social, diferentes estratégias foram elaboradas com o objetivo de promover o fortalecimento identitário, o sentimento de pertencimento e a construção de significado para o coletivo. As rodas de conversa, ferramenta primária da intervenção, foram pensadas como espaços de diálogo horizontal, que aproximassem os mediadores (a psicóloga responsável e o estagiário) dos participantes, de maneira que o encontro realmente fosse vivenciado e sentido como um espaço de troca e de aprendizado mútuos.

As experiências dos idosos LGBTQIAPN+ que subsidiaram as intervenções não foram tomadas exclusivamente a partir das suas histórias individuais, mas como resultado de uma estrutura construída com base em desigualdades e exclusões voltadas a esse grupo de indivíduos. Os temas das rodas de conversa foram selecionados com a intenção de promover reflexão crítica sobre a própria história, ao mesmo tempo que a reconhecesse como parte de um todo (do coletivo), reforçando, assim, os vínculos coletivos.

Técnicas de evocação de memórias, dramatizações simbólicas, role-playing e exercícios de autoexpressão foram utilizados com o objetivo de trabalhar preconceitos internalizados, fortalecer a autoestima e incentivar o letramento e a atualização da comunidade à qual os participantes fazem parte.

A mediação das intervenções realizadas durante o estágio supervisionado foi dirigida pelos princípios da *Análise do Comportamento*, como a observação das contingências presentes nas interações do grupo, pela modelagem de repertórios sociais, como incentivo à fala e à expressão de emoções, a adoção de esquemas de reforçamento positivo para a emissão de comportamentos funcionais, a partir do reconhecimento, da escuta, da validação e de elogios. Tais ferramentas vêm sendo descritas e usadas na área há algum tempo (Guerin, 1994, 1992, 2001) e contribuíram para o aumento da frequência e do engajamento dos participantes na atividade e no fortalecimento do vínculo deles com o estagiário, a quem, de início, se mostraram inibidos e desconfiados.

Em certos momentos, foram identificados comportamentos verbais que indicavam autodepreciação, vergonha ou sofrimentos relacionamentos à identidade individual ou coletiva. Nestas ocasiões, era adotado o uso de reforçamento diferencial, valorizando comportamentos dos participantes que demonstrassem autoaceitação, resiliência e capacidade de reflexão crítica e enfrentamento. Essa abordagem proporcionou um aumento no repertório de respostas dos participantes, que, com o avanço do estágio, foram demonstrando respostas emocionais mais saudáveis frente às contingências adversas apresentadas pelos temas e por eles próprios.

Todas as atividades realizadas durante o estágio supervisionado seguiram os princípios éticos estabelecidos pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2005) e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais [DCN's] para os cursos de graduação em Psicologia (Ministério da

Educação, 2023). Foram garantidos o anonimato e a confidencialidade das informações compartilhadas pelos participantes durante as intervenções e demais atividades, excluindo quaisquer identificações diretas ou indiretas dos envolvidos.

A participação nas atividades foi totalmente voluntária, respeitando o interesse de cada indivíduo em compartilhar as suas vivências e/ou permanecer em escuta. Embora não tenha havido coleta formal/quantitativa de dados, foram adotados cuidados especiais para garantir um espaço seguro, acolhedor e não invasivo, principalmente quando o objetivo da roda foi abordar temas sensíveis, relacionados à identidade, à trajetória de vida e às experiências de cada um.

A atuação do estagiário foi constantemente supervisionada e orientada por docentes extremamente qualificados e éticos, que prezaram pelo respeito e pela valorização não apenas dos participantes, mas também dos limites pessoais do próprio estagiário ao longo do estágio, em consonância com o compromisso social da Psicologia.

Resultados e discussão

Foi possível observar o envolvimento afetivo dos participantes com as propostas das rodas de conversa. Alguns relataram que faziam parte do grupo desde a sua formação e que, por meio dele, construíram vínculos que ultrapassaram o espaço da instituição e dos encontros semanais, reunindo-se também para momentos de lazer e de convívio fora das oficinas. Houve relato de que as rodas de conversa e o vínculo estabelecido entre os integrantes do grupo também motivaram alguns participantes a socializarem mais e até mesmo buscarem reinserção no mercado de trabalho.

O engajamento dos participantes se intensificou ao longo dos encontros propostos pelo estagiário. Os participantes das rodas de conversa passaram a demonstrar interesse ativo na continuidade dos encontros e na manutenção deles no futuro; isto é, quando o estagiário concluísse o seu período de estágio supervisionado. Os participantes, que demonstraram resistência inicial ao estagiário, com o passar das semanas, o incluíram nas rodas como parte delas, e demonstravam sentir a ausência do estagiário quando ele não podia estar presente.

No decorrer do estágio, os participantes foram estabelecendo vínculos afetivos, mas também de confiança com o estagiário e isso repercutiu em maior participação das atividades propostas, frequentemente, sem hesitação. Uma das intervenções marcantes para o estágio foi a realização de um jogo de bingo que, ao invés de números, os sorteios foram realizados com palavras do “pajubá” (Rodrigues; Andrade, 2023), uma forma de comunicação desenvolvida pela comunidade LGBTQIAPN+, principalmente pessoas trans e travestis, para se reconhecer e se proteger em ambientes e contextos em quais se identificava perigo. Muito utilizado durante a ditadura, o pajubá permanece até hoje como patrimônio cultural da comunidade, mas que precisa ser lembrado e perpetuado. As respostas obtidas, após a atividade, foram positivas, com participantes relatando não saber muitas das palavras, mas querendo saber mais. Enquanto outros participantes relataram não somente saberem, mas terem vivido muitas situações em que usar o pajubá se fez necessário, ajudando, inclusive, com contextos e significados durante a atividade.

A confiança dos participantes conquistada pelo estagiário se mostrou estável quando, em uma proposta, foi sugerido que assistissem um filme de animação (Docter, 2009). Apesar da resistência inicial à animação, considerada pelos participantes como infantil, eles assistiram à animação e, ao final, destacaram como a obra fazia sentido para as suas trajetórias e discussões, validando a proposta e reconhecendo a sensibilidade do estagiário em sua escolha.

Foram observadas transformações significativas nos comportamentos dos participantes. O momento destinado às rodas de conversa, antes um espaço de partilha tímida, se tornou um ambiente de expressão genuína e de escuta ativa. Os participantes foram compartilhando as suas vivências com mais profundidade, expressando emoções e expondo pensamentos muitas vezes silenciados ao longo da vida por eles próprios e pela sociedade. Com o decorrer dos encontros, foi possível identificar uma ampliação do repertório comportamental dos participantes e, assim, os discursos anteriormente marcados pela autodepreciação passaram a ser substituídos por discursos de pertencimento, de visão crítica e de reconhecimento da própria história e de seu lugar no mundo.

Os participantes se mostraram abertos a discutir os temas mais sensíveis, como “família escolhida”, “vida sexual” e “afetividade”, acolhendo uns aos outros, respeitando as experiências de cada um e fortalecendo o sentimento de comunidade e de identidade social. O espaço das rodas de conversa se tornou mais do que uma oficina: um espaço de existência validada. A valorização da memória e das trajetórias individuais possibilitou a ressignificação de memórias aversivas, atravessadas por abandono, preconceito e exclusão. Expressões espontâneas de cuidado uns com os outros, de escuta e de companheirismo confirmaram o relato dos participantes de que as rodas de conversa se configuravam um lugar em que podiam ser quem realmente são, sem julgamentos ou censura.

Foi possível identificar o fortalecimento da autoestima e da autopercepção positiva. Participantes que, inicialmente, se apresentavam de forma retraída, com falas breves e pouca expressão emocional, passaram a contribuir com memórias, reflexões e posicionamentos mais profundos ao longo das semanas. Isso demonstra não apenas o efeito das técnicas utilizadas, mas a potência do vínculo construído entre participantes e estagiário, sustentado pela escuta e validação da singularidade de cada um.

Ainda que o estágio supervisionado não tivesse como objetivo a produção de respostas terapêuticas individuais, os efeitos das intervenções foram se evidenciando: ampliação de repertório emocional, reafirmação identitária, criação e fortalecimento de vínculos, aumento de repertório de habilidades sociais e reconhecimento de que é possível envelhecer com dignidade mesmo diante das marcas históricas de exclusão.

Do ponto de vista do estagiário, a experiência nessa modalidade de estágio em Psicologia Comunitária e da Saúde lhe proporcionou um aprofundamento prático da Psicologia que, até então, tinha existência desconhecida. O desafio de compreender a dinâmica de um grupo, conquistar sua confiança e, junto a isso, desenvolver habilidades de escuta sensível e acolhedora, respeito ao tempo do outro e a valorização da história individual foram fundamentais nesse processo.

Assim como o vínculo entre os participantes e o estagiário, ao longo das semanas e das visitas à instituição ESou, habilidades outrora engessadas foram lapidadas: criatividade, planejamento e flexibilidade. Ao se perceber como agente ativo na mediação dos encontros, o estagiário também desenvolveu maior autoconfiança e maior senso de responsabilidade sobre o impacto de suas falas, ações e propostas.

A confiança que o grupo sentiu pelo estagiário também favoreceu na construção de uma identidade profissional. Em um dado encontro, no qual o grupo solicitou que o estagiário falasse sobre o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), foi um de muitos momentos em que o estagiário sentiu o reconhecimento de seu trabalho como uma produção relevante, reforçando o compromisso com a ciência e com práticas que propiciam a transformação da sociedade.

O estágio supervisionado propiciou, portanto, uma transformação interna na forma como o estagiário se posiciona como futuro psicólogo: mais atento às subjetividades, crítico diante das estruturas sociais excludentes e comprometido com práticas afirmativas. O contato com uma população ferida por múltiplas camadas de vulnerabilidade e preconceito também proporcionou um exercício constante de revisão das próprias crenças e do reconhecimento das potências da coletividade.

Considerações Finais

A literatura sobre Psicologia Social ressalta a importância de espaços como a roda de conversa para a valorização da identidade e o aumento do sentimento de pertencimento de populações marginalizadas. Para a população LGBTQIAPN+ idosa, existe uma complexidade ainda maior, visto que há uma múltipla marginalização (Oliveira, 2024). O estágio, o desenvolvimento de habilidade de escuta e o acolhimento possibilitaram a ressignificação de memórias aversivas e fortalecimento de vínculos sociais. Além da consolidação de uma identidade individual, mas também de uma identidade coletiva (Guzzo; Lacerda Jr., 2007).

Os temas propostos para as rodas de conversa foram planejados de forma cuidadosa, abordando experiências subjetivas e coletivas dos participantes. Muitos dos temas geraram discussões e reflexões complexas, relevantes, que o grupo começou a reproduzir em conversas fora das rodas. Outros temas, embora desafiadores, promoveram reflexões críticas sobre a resistência cultural e a importância da memória histórica para a comunidade LGBTQIAPN+. O impacto pode ser considerado positivo, visto que muitos expressaram vontade de continuar se aprofundando em tais temas, resgatando práticas culturais e perpetuando-as para novas gerações. Algumas limitações foram identificadas, como falta de tempo e de recursos. Em alguns momentos, foi desafiador integrar todos os participantes em discussões mais profundas de determinado assunto, devido à diversidade de experiências dentro do grupo, que reflete diretamente na diversidade existente dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+.

O estágio foi, indiscutivelmente, uma experiência transformadora. Ter a possibilidade de consolidar habilidades técnicas e emocionais convivendo com os participantes das rodas de conversa, experienciando a Psicologia além do *setting* terapêutico tradicional. Cada encontro, cada tema, cada dinâmica, fortaleceram narrativas

individuais e coletivas, contribuindo para a construção de indivíduos mais empoderados e saudáveis.

A experiência aqui relatada destaca a urgência de políticas públicas e práticas psicológicas que contemplem velhices LGBTQIAPN+ de forma inclusiva, digna e interseccional. Que mais estágios como este sejam fomentados e incentivados, preparando futuros profissionais que desenvolverão uma Psicologia comprometida com a transformação social, equidade e respeito à diversidade humana existente em todos, em todas as fases da vida.

Referências

BERTOLI, E. de O. Impactos socioculturais provocados pela epidemia HIV/AIDS e a pandemia do Corona Vírus/COVID em homens gays idosos. **Anais do Seminário de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 6, p. 01–11, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/scs/article/view/36574>. Acesso em: 29 mar. 2025.

BOCK, A. M. B.; GIANFALDONI, M. H. T. A. Direitos humanos no ensino de Psicologia. **Psicologia Ensino & Formação**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 97–115, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2177-20612010000200009&lng=pt&nrm=iso&tng=pt. Acesso em: 1 mar. 2025.

BRASIL. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA [CFP]. Código de Ética Profissional do Psicólogo. [S. l.], n. 010/05. 21 jul. 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2024.

FEUERWERKER, L. C. M. Educação dos profissionais de Saúde hoje – problemas, desafios, perspectivas e as propostas do Ministério da Saúde. **Revista da ABENO**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 24–27, n. 2, 2 fev. 2003. DOI: <https://doi.org/10.30979/rev.abeno.v3i2.1360>. Disponível em: <https://revabeno.emnuvens.com.br/revabeno/article/view/1360>. Acesso em: 1 mar. 2025.

GÓIS, C. W. de L. **Noções de Psicologia Comunitária**. Fortaleza: Edições UFC, 1994. 135 p. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/42535>. Acesso em: 1 mar. 2025.

GUERIN, B. **Analyzing social behavior: Behavior analysis and the social sciences**. Reno: Context Press, 1994. 399 p. (Analyzing social behavior: Behavior analysis and the social sciences).

GUERIN, B. Behavior Analysis and Social Psychology: A Review of Lana's Assumptions of Social Psychology. **Journal of the Experimental Analysis of Behavior**, [S. l.], v. 58, n. 3, p. 589–604, 1992. DOI: <https://doi.org/10.1901/jeab.1992.58-589>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1901/jeab.1992.58-589>. Acesso em: 13 abr. 2025.

GUERIN, B. Individuals as Social Relationships: 18 Ways that Acting Alone can be thought of as Social Behavior. **Review of General Psychology**, [S. l.], v. 5, n. 4, p.

406–428, 1 dez. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1037/1089-2680.5.4.406>. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/1089-2680.5.4.406>. Acesso em: 13 abr. 2025.

GUZZO, R. S. L.; LACERDA JR., F. Fortalecimento em tempo de sofrimento: reflexões sobre o trabalho do psicólogo e a realidade brasileira. **Interamerican Journal of Psychology**, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 231–240, ago. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0034-96902007000200014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 28 mar. 2025.

LAURENTI, C.; LOPES, C. E. Uma Análise do Comportamento Contracultural: Perspectivas e Desafios. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 025–040, n. 1, 20 maio 2022. DOI: <https://doi.org/10.18761/DH00024.jan22>. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/833>. Acesso em: 12 abr. 2025.

MALTA, M.; Gomes de Jesus, Jaqueline; LeGrand, Sara; Seixas, Michele; Benevides, Bruna; Silva, Maria das Dores; Lana, Jonas Soares; Huynh, Hy V.; Belden, Charles M.; AND WHETTEN, K. 'Our life is pointless ...': Exploring discrimination, violence and mental health challenges among sexual and gender minorities from Brazil. **Global Public Health**, [S. l.], v. 15, n. 10, p. 1463–1478, 2 out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/17441692.2020.1767676>. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17441692.2020.1767676>. Acesso em: 28 mar. 2025.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Portal da Imprensa Nacional do Brasil. Diário Oficial da União. [S. l.], Seção RESOLUÇÃO CNE/CES N° 1, DE 11 DE OUTUBRO DE 2023. 11 out. 2023. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-cne/ces-n-1-de-11-de-outubro-de-2023-518120795>. Acesso em: 1 mar. 2025.

MORAES, E. N. de; MORAES, F. L. de; LIMA, S. de P. P. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. **Revista Médica de Minas Gerais**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 67–73, 2010. Disponível em: <https://www.rmmg.org/artigo/detalhes/384>. Acesso em: 28 mar. 2025.

OLIVEIRA, P. Saúde para idosos LGBTI+: histórico de lutas, desafios e a contribuição do Serviço Social. **SER Social**, [S. l.], v. 26, n. 54, 30 jan. 2024. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/50168?articlesBySimilarityPage=5. Acesso em: 28 mar. 2025.

PLÖDERL, M.; TREMBLAY, P. Mental health of sexual minorities. A systematic review. **International Review of Psychiatry (Abingdon, England)**, [S. l.], v. 27, n. 5, p. 367–385, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.3109/09540261.2015.1083949>. Acesso em: 28 mar. 2025.

RODRIGUES, P. R. A.; ANDRADE, K. dos S. A. Pajubá: linguagem da comunidade LGBTI+ como repertório artístico, social e cultural. [S. l.], 2023. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/5470>. Acesso em: 13 abr. 2025.

SAMPAIO, A. A. S.; ANDERY, M. A. P. A. Comportamento social, produção agregada e prática cultural: uma Análise Comportamental de fenômenos sociais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 26, p. 183–192, mar. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/FGbzF87GdG963kkRXRQRtRK/?lang=pt>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SKINNER, B. F.; VAUGHAN, M. E. **Viva bem a velhice: aprendendo a programar a sua vida**. 6ª edição. São Paulo: Summus Editorial, 1 jan. 1985.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 489 p.

SOUZA, J. dos S.; MARQUES, J. M.; SCANAVINO, M. de T.; ZAMIGNANI, D. R.; COSTA, A. B. Desfechos negativos em saúde mental de minorias de sexo e de gênero: uma análise comportamental a partir da teoria do estresse de minorias. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 069–085, n. 1, 20 maio 2022. DOI: <https://doi.org/10.18761/DH027.mart22>. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/836>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SPINK, M. J. P. Psicologia social e saúde: práticas, saberes e sentidos. **Psicologia social e saúde: práticas, saberes e sentidos**. [S. l.]: [S.n.], 2010. p. 339–339. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-695595>. Acesso em: 1 mar. 2025.

DOCTER, P. (dir). **UP: ALTAS AVENTURAS**: Pixar/Disney, 4 set. 2009. Longa-metragem (95min). Acesso em: 17 out. 2024.

Data de recebimento: 04/04/2026; Data de aceite: 15/06/2026

Caique Pala Silvestre é psicólogo (06/224190), Mestrando em Psicologia da Saúde e Coordenador do Núcleo de Psicologia da Associação Eternamente Sou. Vinculado à Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: caiquepala@gmail.com

Diane Portuguais é psicóloga (06/77825), Pós-Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua como professora na Universidade Metodista de São Paulo com ênfase em Psicologia Social, identidade, migração e vulnerabilidades. E-mail: diane.portuguais@metodista.br

Joice Jaqueline Romani é psicóloga (06/132912), Mestra e Doutoranda em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo. atua como docente e supervisora no curso de graduação em Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica, violência contra minorias e relacionamentos abusivos. E-mail: joiceromani@hotmail.com

Eliana Isabel de Moraes Hamasaki é Psicóloga (06/56169), Doutora e Mestra em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo. Atua como professora na Universidade Metodista de São Paulo e como analista do comportamento na prática clínica. E-mail: elianahamasaki@uol.com.br



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.